

MENOCCHIO E PLATTER: PERSPECTIVAS DA MICRO-HISTÓRIA NO SÉCULO XVI¹

**Cleberon Vieira de Araújo
Maria Sara Coelho de Sousa
Isamarc Gonçalves Lobo (orientador)**

No século XVI, o mundo é regido por preceitos religiosos. Esses preceitos e verdades passam a ser questionados e tem início em todo o mundo conhecido, uma série de revoltas que iriam por em dúvidas a fé católica. Inicia-se a inquisição como instrumento para controlar tais levantes. Tudo isso fez brotar no céu desta sociedade do século XVI elementos da modernidade. Neste contexto, podemos destacar duas personalidades que por suas ações revelam a dicotomia entre o mundo feudal e o moderno. Um aparece na obra de Carlo Ginzburg intitulada *O queijo e os vermes*; e outra personalidade é descrita por Emmanuel Le Roy Ladurie na obra *O Mendigo e o professor*, ao estudar a família Platter. Este trabalho busca analisar, entre outras coisas, estas duas obras.

O Queijo e os Vermes

Carlo Ginzburg, em seu já clássico *O queijo e os vermes - O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, faz um dos mais importantes estudos da historiografia moderna [chamada micro-história]. Sua interessante narrativa [do cotidiano, da vida e do julgamento do moleiro italiano Domenico Scandella, conhecido por Menocchio analisa o processo inquisitório, partindo da vida cotidiana nos campos italianos do século XVI até chegar aos pensamentos específicos deste interessante personagem. Mas, antes de entrarmos diretamente no processo inquisitorial pelo qual passou Menocchio, devemos lembrar [o leitor de] que este é um estudo da micro-história: afinal, trata-se da história pessoal de um moleiro em especial, em uma vila em especial (Montealeone) em uma época determinada (século XVI).

O que pode ser destacado neste estudo, além da vida de Menocchio, são alguns pontos referentes à religião camponesa semi-pagã que ainda existia no interior da Europa em pleno Renascimento. Neste contexto, precisamos analisar o papel da Inquisição.

Analisaremos a obra de Ginzburg e a vida de Menocchio passando inicialmente a estudar a Inquisição. Tal instituição existiu em diversos países europeus, mas sua força foi vista principalmente na França, Alemanha e Itália. Na Espanha e Portugal, ela surgiu posteriormente, mas não deixou de ser igualmente forte. Esta instituição medieval foi

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático "Cultura Histórica e Linguagens Historiográficas", durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

reformulada na Idade Moderna, sendo uma das bases da Contra-Reforma. Sua origem se deu no século IV d.C., onde começam as perseguições contra os hereges. Nesta época, o movimento ainda não era institucionalizado, e no largo período que vai dos séculos VI ao IX seu poder era restrito. A partir do século X, a Inquisição se torna cada vez mais forte e importante. Após o Concílio de Toulouse, em 1229, sua organização foi formulada, sendo oficializada em 1231 pelo Papa Gregório IX.

No princípio, somente os processos de tortura psicológica eram utilizados, sendo proibidos os de tortura física. Mas, já a partir do Papa Inocêncio IV, em 1254, isto ocorre e passa a oficial sendo então uma importante forma de obtenção das confissões. Os bispos inquisidores eram em sua maioria dominicanos e investigavam as heresias com o poder para perseguir, prender, investigar e punir quem fosse julgado herege. Com este processo, buscava-se a confissão de outras heresias além da acusada. Outro fator que deixa estes julgamentos muito diferentes dos atuais é que mulheres, crianças e escravos podiam ser testemunhas de acusação, mas não de defesa. Por fim, a Inquisição também foi utilizada para a obtenção de mais bens e terras para a Igreja, visto que todos os bens do acusado poderiam ser confiscados.

Dos aproximadamente dois mil processos de julgamento da Santa Inquisição ocorridos na região do Friuli sob a dominação veneziana, na Itália, um deles se tornou notório para o mundo no Século XX, [Analisando] o julgamento de Domenico Scandella, conhecido como Menocchio, reproduzido e interpretado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg. Menocchio não era um camponês pobre comum da sua época, a segunda metade do Século XVI[.] , [Ele] era um moleiro de respeito na comunidade, autodidata e alfabetizado – características raras na época. Dentro de suas leituras, encontrou-se obras muito difundidas na época, mas também obras proibidas, como o *Decameron* e o *Alcorão*. Durante o primeiro julgamento, Menocchio afirmou ser "moleiro, carpinteiro, marceneiro, pedreiro e outras coisas" (GINZBURG, 1987: p. 39). Já no segundo julgamento, suas atividades foram por ele próprio descritas como de "filósofo, astrólogo e profeta" (GINZBURG, 1987: p. 217).

Na sua época, a diferenciação entre as classes sociais estava ficando cada vez mais exacerbada após séculos de feudalismo. Com isso, a elite e a Igreja perceberam a importância de manter ideologicamente os camponeses sob seu domínio, para evitar os levantes camponeses e os movimentos como a Reforma. No Friuli em especial, os camponeses adquiriram um pouco mais de liberdade a partir do poder central veneziano, já que tal governo pretendia com isto combater o forte poder das classes senhoriais tradicionais da região.

Dentro desta situação encontrava-se em destaque a posição dos moleiros, pois em seus moinhos encontravam, constantemente, parte da população economicamente ativa. Apesar da profissão de moleiro ser sempre malvista pelas camadas baixas da população e de ter

fama de usurpadora, geralmente tais profissionais atingiam posição de destaque dentro da comunidade. E Menocchio não fugira desta tradição. Tal posição pode talvez começar a explicar o fato de que ele não ter sido denunciado, já que como moleiro ocupava um lugar de destaque na sociedade, à Inquisição durante muito tempo, visto que suas idéias eram conhecidas de toda a população de Montereale e alguns dos interrogados afirmaram conhecer o réu há aproximadamente vinte ou trinta anos. Porém, o respeito diante desta pessoa de destaque na comunidade não explica tal situação.

A população de Montereale conhecia as idéias de Menocchio. Não podemos ter certeza se concordavam ou não com elas, visto que obviamente em um julgamento inquisitorial elas afirmariam ser contra ele. Em uma época de guerras religiosas, Inquisição e perseguição a hereges, é interessante observar a tolerância popular. Está aí mais uma pista para acharmos o porquê do pensamento do personagem e da omissão da população. Seriam os camponeses contra suas idéias? Segundo Carlo Ginzburg, "A despeito de sua singularidade, as afirmações de Menocchio não deviam parecer aos camponeses de Montereale tão estranhas às suas existências, crenças e aparições" (GINZBURG, 1987: 101).

Toda a sociedade estava inserida num contexto temeroso, as pessoas temiam [em] falar, mesmo sem concordar com alguns dogmas de fé, elas jamais estariam dispostas a colocarem suas vidas à prova. Diferentemente das demais pessoas do povoado Menocchio não temia falar sobre o que acreditava, contestava os atos da igreja e passava isso claramente para os seus companheiros de comunidade e com o passar dos tempos alguns da comunidade começam a entender mesmo sem aceitar, as idéias de Menocchio, ou seja, eles compreendiam porém não proclamavam como o fez o réu.

Durante o julgamento, Menocchio dá fundamentação ao que fala e pense nas obras as quais teve acesso, portanto nas suas interpretações destas obras, obras essas proibidas pelo próprio tribunal secular. Para Ginzburg, isto decorria do fato de que a fonte seria menos importante do que a rede interpretativa pensada por Menocchio. As raízes culturais dele eram mais profundas do que os próprios textos. Ele juntou assim correntes cultas e populares em um novo e confuso pensamento teológico: "Dois espíritos, sete almas e um corpo composto pelos quatro elementos: como pudera sair da cabeça de Menocchio uma antropologia tão abstrata e complicada?" (GINZBURG, 1987: 149). Suas idéias, teorias e suposições variaram muito com relação ao tempo, à pressão do inquisidor e às intenções deste. Por isso, a criação de um esquema teórico, das idéias de Menocchio, ficou difícil [tanto] para o [próprio] inquisidor [quanto para nós].

Mesmo sem acreditar ou aceitar qualquer conceito e até mesmo os mandamentos e sacramentos da igreja, Menocchio se mostrava uma pessoa crente em Deus, e nas boas

obras. Acreditou-se que ele poderia pertencer aos anabatistas, uma seita que pregava o batismo apenas nos adultos, porém essa opinião vai de água a baixo pois, segundo o autor .

“... apesar de analogias apontadas não parece possível definir Menocchio como um anabatista. O valor positivo que ele formulou a propósito da missa, da eucaristia e também, dentro de certos limites, da confissão, era inconcebível para um anabatista que via no papa a encarnação do anticristo, nunca teria dito uma frase como aquela de Menocchio a respeito das indulgências . (...) acredito que sejam boas , porque se Deus pôs um homem em seu lugar que é o papa, e mandou perdoar, isto, porque é como se recebêssemos de Deus já que são dadas por seu representante.” (GINZBURG, Carlos, 1987, p. 67)

Como já fora dito anteriormente, Menocchio apresentou um sistema teórico extremamente confuso, e por isso não nos aprofundaremos muito em sua proposta, mas sim no que isto refletia de seu tempo e sua sociedade, bem como o que era particular seu. O principal ponto que podemos levantar é com relação a uma religião simplificada defendida por Menocchio, onde há uma equivalência entre as diferentes crenças. Esta religião igualitária existiria porque "Deus está em todos". Dentro deste mesmo pensamento, ele afirmara que era cristão tão somente devido à sua tradição familiar, e que se tivesse nascido em outra região, de outra cultura, lutaria pela sua fé, assim como ele lutaria pela fé cristã por ser um cristão. Dentro deste pensamento simplificador, Menocchio faz relações entre aspectos de seu cotidiano com as contradições e sua religião católica. Mas tais pontos estão dentro deste propósito não porque estão no dia-a-dia de Menocchio, e sim porque tais aspectos estão dentro do modo de vida camponês e de sua religiosidade há séculos. Ele reflete em parte muito da tradição religiosa semi-pagã camponesa.

Dentro desta cultura pagã, o corpo e aspectos naturais e sobrenaturais do dia-a-dia são extremamente influentes. Podemos perceber uma clara mistura entre a religião pagã materialista e igualitária e a Católica Apostólica Romana. Ele se colocava totalmente contra essas imposições da Igreja e esta contra ela naquele momento era fatal, pois nesse momento muitas pessoas estavam pagando com a vida tamanha ousadia. A Europa passava por grandes Transformações, e as idéias de Menocchio brotaram em um momento “impróprio” no sentido de que todos estavam receosos e apresentar-se indiferente a maior organização já vista até então era correr o risco de cair no erro. A “diferença” era tratada de forma discriminatória, alguns até taxavam Menocchio de pertencer a “seita de Lutero”, como diria Giovanni Povoledo . “ Tem má fama e têm opiniões erradas, como aqueles da Seita de Lutero” (GINZBURG, 1987: p. 42). PARÁGRAFO CONFUSO? NÃO TENHO SUGESTÃO POR QUE NÃO ENTENDI O SENTIDO.

Ginzburg afirma, sobre a relação da religião camponesa e a religião Católica, que "ele projetava sobre a página impressa elementos tirados da tradição oral. É essa tradição, profundamente radicada nos campos europeus, que explica a persistência tenaz de uma

religião camponesa, intolerante quanto aos dogmas e cerimônias, ligada aos ciclos da natureza, fundamentalmente pré-cristã" (GINZBURG, 1987: p. 209).

Menocchio fundamenta grande parte de suas críticas em cima da Igreja e dos padres. Ele afirma que a virgindade de Maria foi forjada, assim como a Criação do mundo por Deus, a crucificação de Jesus, os Evangelhos, a adoração de imagens, o inferno e diversos outros pontos base dos dogmas católicos. Ele criticava, além da religião, o poder dos ricos que se escondiam atrás da língua latina com a cumplicidade da Igreja Católica Apostólica Romana, igualmente proprietária de terras e exploradora. Basta lembrarmos que a Igreja chegou, no seu ápice, a controlar um terço das terras cultiváveis da Europa, onde padres e bispos eram detentores de grandes feudos. Ele não se sentia a vontade naquela sociedade em que o que prevalecia era o desejo dos poderosos. Se sentia injustiçado por não admitir os preceitos impostos; ele se sentiu inferior no seu julgamento por não falar latim e portanto não poderia retrucar as acusações que lhe eram imputadas.

“Na minha opinião, falar latim é uma traição aos pobres. Nas discussões os homens pobres não sabem o que estão dizendo e são enganados. Se quiserem dizer qualquer palavra, têm que ter um advogado”. (GINZBURG, Carlos, 1987, p. 51)

Por todas estas críticas e por suas idéias bem diferentes, Menocchio foi denunciado pelo padre de Montereale. É interessante observar alguns pontos que ele sempre defendeu, mesmo com o passar do tempo e nos dois interrogatórios e por vezes até mesmo desafiando o próprio inquisidor a debater com ele. Ele sempre pediu perdão, não negava suas idéias - no máximo dizia que eram "coisa do diabo" - e nunca dizia que conhecia pessoas com os mesmos ideais que os seus, como afirma Carlos Ginzburg a “atribuição das próprias dúvidas à tentação demoníaca refletia a atitude relativamente cautelosa de Menocchio no início do processo” (GINZBURG, 1987: 81).

Um julgamento da Santa Inquisição sempre era algo extremamente tendencioso: afinal, as respostas eram sempre baseadas num reflexo das perguntas do inquisidor. Havia sempre um desequilíbrio entre inquisidor e acusado, com pressões psicológicas e físicas, sendo que este último geralmente acabava caindo nas armadilhas do primeiro. Podemos ver claramente o medo de Menocchio com relação ao inquisidor. Quando responde o que acha teme em muito a reação do inquisidor.

Menocchio, por não encontrar eco de suas palavras dentro dos camponeses de Montereale, passou a acreditar que era extremamente original, e por isso tinha o profundo desejo de repassar suas idéias para reis, príncipes ou papas. Afinal, ele se sentia obrigado a falar uma versão simplificada de sua teoria para seus colegas camponeses, ao passo que reservou uma lição muito mais complexa para ser apresentada diante do Tribunal da Santa Inquisição.

Ele acabou sendo condenado em 1584, em virtude da quantidade de heresias, que deveriam ser mantidas distante dos camponeses. Por isso, deveria passar o resto dos seus dias na prisão, sob responsabilidade financeira de seus filhos. Porém, depois de dois anos [preso], conseguiu que sua pena fosse atenuada e transferida para algo como uma "prisão domiciliar". Não poderia sair de Montereale e deveria carregar um hábito com a cruz, símbolo do condenado pela santa Inquisição. Para evitar a exclusão social, trazido pelo hábito, por vezes usava-o por baixo da roupa, pois esse o excluía da sociedade. Em 1597 ele finalmente conseguiu a autorização para deixar Montereale, mas não podia fugir pois tinha um amigo como "fiador".

Apesar de ter sido julgado e condenado pela Santa Inquisição, Menocchio continuara tendo prestígio na comunidade. Contudo, ele manteve sua posição e continuou a pregar suas idéias heréticas, o que acabou estimulando um segundo julgamento em 1598. Em junho de 1599 é preso aos 89 anos e com muito medo de voltar à prisão passou a falar o que queriam que falasse. Apesar disso, mais uma vez condenado foi torturado e desta vez condenado a morrer na fogueira.

"Em 2 de agosto a congregação do Santo Ofício se reuniu: Menocchio foi declarado, por unanimidade, um 'relapso', um reincidente. O processo terminara. Decidiu-se, porém, submeter o réu a tortura, para arranca-lhe o nome dos cúmplices. Isto ocorreu em 5 de agosto; no dia anterior, a casa de Menocchio fora revistada e, na presença de testemunhas, haviam sido abertas todas as caixas e confiscados 'todos os livros e escritos' " (GINZBURG, 1987: p. 207).

Um grande problema encontrado pelos inquisidores foi na classificação herética de Menocchio. Primeiro pensamos nele como um luterano, depois como um encratista ou um anabatista, mas pode-se enquadrá-lo num " ramo autônomo do radicalismo camponês (...) muito mais antigo do que a Reforma" (GINZBURG, 1987: p. 70).

Esta cultura chegou até nós porque a tradição oral pôde finalmente se manifestar oficialmente após a Reforma Protestante e a chegada da Imprensa. Afinal, a origem do pensamento de Menocchio é muito distante, num local já quase inatingível do imaginário coletivo oral das remotas tradições camponesas originárias das migrações e das relações sociais que foram se desenvolvendo no continente europeu durante toda a Idade Média e que finalmente afloraram neste período, tendo Menocchio como um de seus desconhecidos e perseguidos porta-vozes.

Portanto, o pensamento de Menocchio é único, porém também é o reflexo de uma grande mudança no pensamento camponeses e de um certo radicalismo que estava dentro das vilas e que achou terreno. Muita coisa, porém, do pensamento de Domenico Scandella pode ter passado em vão dentro de nossa análise e da percepção de Carlo Ginzburg; afinal o que temos é apenas um retrato tendencioso obtido a partir de um julgamento opressor do Tribunal da Santa Inquisição. Ou seja, desde os pensamentos até as crenças dos

camponeses investigados pela Inquisição nos chegam através de filtros e intermediários que os moldaram com intenções claras. Apesar disso, tal estudo é extremamente interessante para desvendar o cotidiano e parte dos pensamentos de um mártir da Inquisição que poderia ter passado em branco para a história.

Pois ao se tentar entender o pensamento de Menocchio, devemos levar em conta o mesmo como elemento diferente do meio em que vive, isso por saber ler e escrever, tanto é que chega a debater com os inquisidores suas idéias extraídas tanto de livros como também do cotidiano que ele observava.

Portanto, nessa obra Carlos Ginzburg, que levado por um processo volumoso do santo ofício que chama a sua atenção, parte para análise da cultura e dos costumes da sociedade italiana no século XVI. Sociedade esta que o autor procura entender observando um fragmento despercebido, o caso do processo inquisitorial de Menocchio.

O mendigo e o professor

No livro “*O mendigo e o professor*”, Ladurie retrata um recorte da sociedade do século XVI fazendo um estudo acerca da família Platter.

Thomas Platter, “ex-mendigante girívago, impressor e, depois, dono de pensão e diretor de 17 escola secundária em Basiléia” e ainda tipógrafo, será um dos protagonista de noss[a] relato. Em sua infância, Thomas, órfão tem agora sua família assolada por peste onde irmãos seus passam a morrer em virtude desta. “Duas irmãs de Thomas, mais velhas que ele, também morreram, uma de peste. Noutra ocasião, Amili enterra pessoalmente dois filhos mortos pela pestilência. (Ladurie, 1999: p. 29), tudo isso mostrando fortes traços de uma vida simples, para não dizer miserável, levada por Thomas em sua infância.

Já com oito anos Thomas passa a trabalhar cuidando de cabras e vacas na casa de sua tia, numa vida montanhosa difícil onde lhe falta comida e até mesmo água, “A sede (bebe-se urina) castiga mais que a fome (...)”. (Ladurie, 1999: p. 31)

É entregue logo a um novo tutor, um padre de Tumilin, ele procura pela primeira vez os saberes pedagógicos, apesar de pagar para tanto, nada aprende. E assim parte, com o apoio do primo Paulus, passando assim a mendigar. “Thomas trata de partir logo e ganhar o pão: mendigar, mas também estudar, mendigar para estudar na Alemanha...” (Ladurie, 1999: p. 32)

Logo percebe que o interesse único de seu primo seria explorá-lo como mendigo. Mas Thomas também iria roubar aves para assim alimentar o grupo de adolescentes do qual [agora] fazia parte. “Rapidamente essas aves se tornam alvos dele, roubados vivos e logo mortos para melhorar a alimentação do grupo (...)”. (Ladurie, 1999: p. 33)

Com um abastecimento de bebida e comida incerto, e com piolhos para todos os lados o jovem Platter ainda procura o estudo, mas de certo ainda não aprende nada, agora em virtude da qualidade da escola e de suas condições de vida. Nesse momento Thomas tem que disputar os ossos com os cães de rua para se alimentar.

“Thomas deve ter dezesseis anos agora e, a despeito de diversos esforços, não sabe ler. Passa o dia inteiro, ainda a serviço do infatigável Paulus, mostrando um tecido aos passantes para mendigar o pretense custo da confecção ou do “feito” de um casaco”. (Ladurie. p. 37)

Depois e muitas tentativas sem êxito, Thomas finalmente aprende a ler e começa também a manifestar interesse pela Reforma protestante, e assim logo chegaria uma ruptura religiosa, já que Thomas demonstra uma grande afinidade com as idéias de Lutero, que sempre se põe a criticar fortemente a igreja católica.

“Por volta de 1522 Platter experimenta a ruptura religiosa; crise de identidade, brutal. Esse cataclismo pessoal irrompe cinco ou seis anos após a emergência pública de Lutero. Thomas, que gravitara expressamente na órbita desse pensador deixa-se levar por seu pensamento (...)”.(Ladurie, 1999: p. 45)

Assim, Thomas passa a ser considerado um “herético” em sua juventude, isso em virtude de idéias advindas do pensamento de Lutero e Calvino, o levando assim a renegar dogmas católicos. E seguida a essa mudança religiosa se dá início uma fermentação intelectual na vida de Thomas. Agora o jovem Platter trabalha e estuda, inaugurando assim uma nova etapa em sua vida.

Thomas passa a lecionar hebraico:

“O jovem [‘] professor [‘], que se veste de maneira estranha, é muito competente e não perdoa os erros. Pela primeira vez Thomas adquire status e estatura de intelectual: frequenta o pequeno, brilhante e modesto grupo de humanistas basileenses.” (Ladurie, 1999: p. 52)

Casa-se com Anna Dietschi:

“(...) Platter se casa com Anna Dietschi, (...) Nascida em 1497, ela é portanto, dois ou três anos mais velha que o marido. A moça pertence a uma família da própria Zurique, formada por burgueses, ourives e nobres, em cujo o brasão consta uma coroa de ouro. Sociologia enganosa: agora um punhado de moedinhas, Anna casa-se sem dote, e não sem motivo: pertence ao ramo pobre rural, da prestigiosa linhagem dos Dietschi.” (Ladurie, ANO?: p. 55)

Depois de muitos problemas financeiros, mesmo depois do casado, ele conhece o genuíno bem estar onde ele exerce as profissões de Cordoeiro, comerciante e ainda trabalha com educação. Tem uma filha, porém essa acaba morrendo de peste. “A menina acabara de completar um ano (começara, justamente, a andar), e morre após muito sofrimento”. (Ladurie, 1999: p. 66)

Ma logo nasce sua segunda filha: “A segunda, Margretlin II, nasce em 1533, fase em que Platter , curado nos banhos de Bring, trabalha como corretor tipográfico de Herwagen.” (Ladurie, 1999: p. 80)

Platter possui agora uma pensão onde além de ensinar também hospeda e alimenta seus alunos, o que torna o pensionato uma lucrativa atividade.

Nasce em outubro de 1536 um filho homem de Thomas e Anne , Felix Platter. Com uma infância diferente da do pai, “Muito cedo Feliz dá provas de uma sensibilidade artística que o pai, com a mesma idade, pobre criança das montanhas, não tivera oportunidade de desenvolver, a não ser no canto. O menino interessa – se por alaúdes e rabecas”. (Ladurie, 1999: p. 91)

Por desejo do ambiente familiar é despertada a vocação medica de Felix.

“(…) a vocação médica do adolescente não era simples nem unívoca; era, isto sim, inseparável de um desejo pessoal de promoção a um tempo social e conjugal”. (Ladurie, 1999: p. 138)

Thomas continua a ganhar dinheiro e a ascender socialmente, uma de suas atividades agora é a tipografia. Assim Thomas é guindado à condição de burguês de Basiléia. Para tanto, Thomas apesar de protestante não entra em contendas e conflitos religiosos e nem deixa transparecer suas preferências religiosas ate mesmo para que isso não venha a atrapalhar o seu desempenho comercial. “Diversos homens de negócios serviram de mediadores na negociação entre a parte católica e a protestante, sem que os antagonismos religiosos desempenhassem grande papel”. (Ladurie, 1999: p. 159)

Os reflexos da Revolução Renascentista são observados pelo caçula da família Platter, Félix que assim como seu pai e irmão ora desbravar as incertezas de uma Europa em transformação.

Thomas Platter, abriu caminho para este tipo de aventura, buscar seus caminhos, onde além de abrir seus próprios caminhos, dá subsídios e bases para que seus prodígios também fizessem. O pai tenta subsidiar o crescimento pessoal dos seus filhos, procurando de todas as formas, conhecimentos.

A ultima parte da obra, remete-se as aventuras de Felix, que busca aperfeiçoar sua formação e tornar-se professor universitário e para isto, terá que atravessar uma parte da Europa, onde confrontar-se-á com inúmeras situações que lhe deixará por mais curioso e entusiasmado com aquela viagem. Seu destino final é a França, porém até chegar lá é um percurso longo e que exigirá muito do jovem e promissor Platter.

Félix irá se defrontar com uma Europa em plena modificação, as cidades de um desenvolviam e as reformas e revoluções agiam com um grande impacto sobre elas. Alguns absolviam com mais facilidade do que outros e é este justamente, o objetivo de Ladurie ao tentar com a obra demonstrar as modificações visíveis pelas quais a Europa atravessava no

século XVI. A família Plater era protestante e escalava um espírito humanista, desta forma, viam com bons olhos o que a Reforma e os pensamentos luteranos exerciam sobre a sociedade, um sentido de mudanças, de modificações, que visavam o crescimento estrutural e econômico de um continente que estava à frente e que preparava caminho para o “progresso”.

Em todos os momentos de seu percurso rumo à França, Félix reforma seu espírito protestante, sua opção pela ordem de Lutero. De uma maneira ou de outra, acabava contrapondo seus objetivos aos dogmas católicos.

“(…) a igreja é inteiramente dedicada ao culto mariano, o que não é muito atraente para o protestante convicto que é Félix. Ademais, preocupada como sempre com a arqueologia anglo-romana ou pagã – renascentista até em seu turismo eclesiástica, o futuro médico afirma, convictamente, que Daurade não tinha por origem senão uma construção não-cristã, um templo de Isis (Thomas Platter Júnior falará de templo de júpiter – T,Z 409.) em resumo, tudo menos o catolicismo!” (LADURIE, :p. 263)

Enfim, Félix vicia e penetrava em uma nova realidade que definia-se completamente diferente da que antes era considerada como absoluta, o catolicismo passa a ser contradito e alternativas à fé aparecem para suprir a carência de quem não mais estava de acordo com dogmas e leis. O caçula da família Plater, assim como o restante da família eram adeptos do protestantismo e ver que a sociedade europeia descobria “o novo” através de Lutero e Calvino, muitos o satisfiziam. No entanto, ainda via uma França que contemplava o catolicismo. A França também passava por transformações, porém nada muito intenso em relação a religião.

“A ‘paz’ contribui grandemente para progresso específico de paris, ainda que a França se encontre (de fato) em guerra perpétua, mas trata-se de modestos conflitos, nas fronteiras italianas, lorenas ou belgas, com exércitos então menos numerosos do que século seguinte” (Ladurie, 1999: p. 305)

Portanto, Félix irá em busca de construir seu caminho, sai de seu país de origem rumo a França a procura de sua consagração profissional, consegue e retorna, onde casa-se e constrói uma família. Em fim, consegue alcançar seus objetivos lutando sem limites para ter seus planos caracterizados.

As obras e a micro - história

Assim, é por romper com a história com a estética e na retórica que a micro-história para a estudar o fragmento para assim entender o todo. Nesse contexto, as duas obras estudadas procuram entender o século XVI, sua sociedade, seus costumes e seu cotidiano, isso por que, a descrição micro-histórica serve para registrar uma série de acontecimentos ou fatos significativos que, de outra forma, seriam imperceptíveis e que, no entanto, podem ser

interpretados por sua inserção num contexto mais amplo, ou seja, na trama do discurso social. Deve-se levar em conta ainda, que tanto os Platter em “ O mendigo e o professor”, quanto Menocchio em “ O queijo e os vermes “ são expressão de uma mudança que acontecia no século XVI. Assim, nos dois casos ao eleger o local como circunscrição de análise, como escala própria de observação, não abandonamos as margens, as normas, que, regra geral, ultrapassam o espaço local ou circunscrições reduzidas, mas a micro – história procura entender o século XVI mediante análise dessas duas obras.

Portanto, percebemos nas duas obras, que tanto Menocchio quanto a família Platter são exemplos não muito comuns da idade média, pois vemos nas duas obras fortes rupturas entre o medieval e a renascença que em seu cotidiano vai delinear aspectos de uma mudança que já ocorria no século XVI, como o questionamento da ordem religiosa vigente e a procura pelo saber.

Referências Bibliográficas:

GINZBURG, Carlo: O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição/ tradução de Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LE ROY LADURIE, Emmanuel: O mendigo e o professor/ tradução de Maria Tereza Dannemann, Carlos Nougué. – Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BURKE, Peter: Cultura Popular na Idade Moderna/ tradução de Denise Bottmann. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.